

**CRÔNICAS DE VIAGENS E A REPRESENTAÇÃO DAS CIDADES NA OBRA *PRIMEIRAS VIAGENS*<sup>1</sup> DE ERNESTO CHE GUEVARA<sup>2</sup>**  
CHRONICLES OF TRAVEL AND REPRESENTATION OF CITIES IN THE *MOTORCYCLE DIARIES*<sup>3</sup> OF  
ERNESTO CHE GUEVARA TRAVEL

Cristiano Mello de Oliveira<sup>4</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho visa a realizar uma incursão pela literatura de viagens e suas ramificações. Postulamos que, no despertar dessas andanças reflexivas, podemos dialogar com algumas formulações, problematizando algumas considerações já realizadas e divulga-las para o meio acadêmico. No corpo teórico desse trabalho dialogaremos com Tzevetan Todorov, Silviano Santiago, Octavio Ianni, Levi-Strauss, entre outros. Objetivamos esboçar algumas reflexões sobre as formulações da literatura de viagens, exemplificando-as e tecendo nossas interpretações. A contribuição desse artigo visa a divulgar a obra *Primeiras Viagens* (1996) para a conjuntura literária e tentarmos aproximar o pensamento do escritor Ernesto Che Guevara para o campo das discussões do leitor latino americano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônicas de viagens. Literatura Latino-americana. Representação das cidades. *Primeiras Viagens*. Ernesto Che Guevara.

## 1 Alguns pressupostos

*Ora, o individuo que viaja pode estar destituído da verdade, mas possui a evidência do mundo que viajou. E por isso o argumento dele é possante embora intelectualmente seja muitas vezes uma covardia*

(Mário de Andrade)

Viajar e narrar pela América do Sul atravessando variados países tendo a proposta de realizar um levantamento cultural, pregar alguns dizeres revolucionários e diagnosticar supostas pessoas contaminadas pela lepra. Deixar família, entes queridos, pares da universidade, amigos e colegas para vencer as barreiras climáticas, pernoitando em lugares desconhecidos, refazendo lugares tão pouco explorados pelos conquistadores, junto a isso saciar a vontade de enxergar a “olhos nus” uma bela paisagem no Sul dos Andes ou mesmo deliciar com a famosa

---

<sup>1</sup> Os manuscritos dos diários de viagem de Ernesto Che Guevara e Alberto Granado foram originalmente publicados pelo jornalista e documentarista italiano Gianni Mina com o título de “Mi Primer Gran Viaje”.

<sup>2</sup> Ernesto Guevara de la Serna nasceu em 14 de junho de 1928 em Rosário, Argentina, em uma família de maior nível social econômico. Seus pais foram transigentes com ele porque desde pequeno padecia de forte asma, que lhe exigia conter as energias, o que acentuou seu gosto pela leitura. Quando concluiu o colégio, em 1946, mudou-se para Buenos Aires, onde trabalhou como laboratorista de solo e começou a cursar engenharia, mas em 1947, mudou-se para medicina. Jogava rugby e xadrez e viajou de moto 4.500 km para conhecer seu país. Em 1951, trabalhou como enfermeiro em navios mercantes, sempre sem deixar de estudar. No fim desse ano, partiu de moto com seu amigo Alberto Granado, em uma viagem de oito meses pela América do Sul, o que ajudou a encontrar sua vocação (ANDERSON, 1996, p. 274).

<sup>3</sup> *The Motorcycle Diaries: A Journey Around South America*, by Ernesto Che Guevara & translator Ann Wright, Verso, 1996, seria o título original em Língua Inglesa.

<sup>4</sup> Mestrando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: literariocris@hotmail.com *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

Machu Picchu em pleno território peruano. Criar inúmeros diários e anotações que registrassem para outras gerações e deixasse as lembranças de uma etapa marcante de suas vidas. Estamos nos referindo às narrativas de viagens de Ernesto Che Guevara<sup>5</sup> e seu fiel companheiro Alberto Granado na sua famosa empreitada de aventuras pela América Latina na visita de 05 países que designou os respectivos diários de viagem entre os anos de 1951 e 1952.

A rigor, definir o retrato geral desses dois protagonistas: Guevara<sup>6</sup> e Granado enquanto intelectuais descobridores ou sujeitos com sede de radiografar o continente Latino Americano é, sobretudo, investigar os distintos emaranhados do seu trajeto intelectual de homem de viagens, buscando raciocinar o seu conteúdo pensativo com suas especulações filosóficas. As chancelas de suas silhuetas estão permeadas de curiosidades que brotam à medida que vai ganhando espaço nas suas considerações e especulações. Pouco a pouco, a radiação dessas curiosidades vai tomando conta do variados diários de viagens, incrementando novas cartografias, novos ditados populares, novas tradições que são assimiladas, novas amizades e laços sociais, enfim uma conjuntura insaciável de encontros e desencontros dentro das rotas dos países visitados.

O presente estudo terá a finalidade de explorar a representação das principais cidades<sup>7</sup> da obra *Primeiras Viagens*<sup>8</sup>. Neste breve trabalho<sup>9</sup>, visamos contribuir com as nossas inter-

---

<sup>5</sup> Cabe salientar que durante o decorrer desse ensaio estaremos sempre fazendo referência aos dois protagonistas: Ernesto Che Guevara e Alberto Granado. No entanto, devemos alertar que apenas Guevara irá ter maior responsabilidade sobre os escritos, ou seja, é de sua autoria a obra *Primeiras Viagens*.

<sup>6</sup> Ainda adolescente, Che percorreu de bicicleta todo o Norte e Oeste da Argentina, num total de 4.700 km.

<sup>7</sup> O itinerário completo segue: ARGENTINA - Córdoba, dezembro de 1951, saem de Buenos Aires em 4 de janeiro de 1952 - Villa Gesel, 6 de janeiro, Miramar, 13 de janeiro, Necochea, 14 de janeiro, Bahia Blanca, 16 de janeiro e saem em 21, Rumo a Chole- Chole, 22 de janeiro, Piedra de Águila, 29 de janeiro, San Martin de Los Andes, 31 de janeiro, Piedra de Aguila, 29 de janeiro, San Martin de Los Andes, 31 de janeiro, Nahuel Huapi, 8 de fevereiro, Barillocche, 11 de fevereiro - CHILE - Peulla, 14 de fevereiro, Temuco, 18 de fevereiro, Lautaro, 21 de fevereiro, Los Angeles, 27 de fevereiro, Santiago do Chile, 1 de março, Valparaíso, 7 de março, A bordo do San Antonio, 8-10 de março, Antofagasta, 11 de março, Baquedano, 12 de março, Chuquicamata, 13-15 de março, Iquique, 20 de março, Empresa salitreira de Toco, Empresas salitreiras: La Rica Aventura e Prosperidad, Arica, 22 de março. PERU - Tacna, 24 de março, Tarata, 25 de março, Puno, 26 de março: Vão ao lago Titicaca em 27 de março, Juliaca, 28 de março, Sicuani, 30 de março, Cuzco 31 de março, Saem para Machu Picchu, 3 de abril, Machu Picchu, 5 de abril, Cuzco, 6-7 de abril, Abancay, 11 de abril, Huancarama, 13 de abril, Huambo, 14 de abril, Huancarama 15 de abril, Andahuaylas, 16-19 de abril, Huanta, Ayacucho, 22 de abril, Huancayo, La Merced, 25-26 de abril, Entre Oxapampa e San Ramon, 27 de abril, San Ramon, 28 de abril, Tarma, 30 de abril, Lima, 1 de maio (saem em Lima em 17 de maio), Cerro de Pasço, 19 de maio, Pucalla, 24 de março, A bordo do La Cenepa, 25 de maio, Pelo Amazonas, 26-27 até 31 de maio, Iquitos, 1 a 5 de junho, A bordo do El Cisne (navegando pelo Amazonas rumo ao leprosário de San Pablo) 6-7 de junho, Leprosário de San Pablo, 8-19 de junho (saem dia 20), A bordo da balsa Mambo-Tango pelo Amazonas, 21 de junho, COLÔMBIA - Letícia, 23 de junho até 1 de julho (saem em 2 de julho de avião), Baldeação em Três Esquinas, 2 de julho, Madrid. Aeroporto militar a 30 km de Bogotá, Bogotá, 2-10 de julho, Cucutá, 12-13 de julho - VENEZUELA - San Cristóbal, 14 de julho, Entre Barquisimetro e Corona, 16 de julho, Caracas, 17-26 de julho.

<sup>8</sup> Notas de Viaje foi o relato que Ernesto escreveu após sua viagem, utilizando trechos extraídos do seu diário. O texto foi transcrito e publicado postumamente pela viúva cubana de Che, Aleida March. Supostamente, trata-se *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

pretações visando verificar como o escritor Ernesto Che Guevara corrobora com sua linguagem espontânea e ao mesmo tempo poética os aspectos das principais cidades representadas por suas palavras. Resta explicitar que a contribuição desse estudo objetiva atingir uma maior aproximação da obra *Primeiras Viagens* para uma perspectiva das discussões das humanidades. Salientamos que não desejamos realizar um estudo profundo sobre os aspectos da representação da cidade na literatura ou vice versa, mas contemplar apenas novas interpretações do escritor argentino na sua respectiva obra. Seria tarefa desproporcional aos limites de um artigo breve. De resto, essa temática tenha ficado bem contextualizada no próprio desenrolar da obra *Primeiras Viagens*.

Foi assim que a viagem desses dois aventureiros foi expandindo novos horizontes e evocando imaginário rumo ao desconhecido e ao inóspito desencontro daqueles que buscavam novas aventuras. Ao contemplar os lugares visitados Guevara e Granado irão aumentar suas expectativas de prosseguirem os rumos da viagem dentro de um contexto mais humano e solidário. Mesmo sem grandes recursos financeiros, esses grandiosos nômades não irão desistir dessa forasteira empreitada. Ora, não foi à toa que esses protagonistas simularam novas maneiras de enxergar a América Latina, tendo em vista as discussões sociológicas de caráter denunciante que resolveram abarcar ao longo dessa imensa trajetória. As configurações sociais perpassam todo o texto narrativo, já que as possíveis reminiscências de leituras<sup>10</sup> são dialogadas ao longo dos escritos. Ao realizar esse balanço crítico social-histórico, Guevara irá contri-

---

de uma versão autêntica e integral do original. A obra foi publicada em inglês pela primeira vez em 1995, com o título *The Motorcycle Diaries*.

<sup>9</sup> Apesar da numerosidade extensa das cidades visitadas por Guevara e Alberto, salientamos que no decorrer desse trabalho iremos remeter maior atenção para as cidades que foram mais descritas e mais detalhadas através dos primeiros diários escritos por Guevara. Mesmo sabendo, que na obra *Outra Vez, Diário inédito da segunda viagem pela América Latina – 1953-1956*, Guevara tenha representado outras cidades também importantes, iremos nos ater apenas na sua obra *Primeiras Viagens*. Outrossim, especificamente iremos apenas abordar as 05 respectivas cidades: Santiago, Arica, Tacna, Machu Picchu, Lima.

<sup>10</sup> No mesmo espírito de balanço sobre algumas reminiscências de leitura de Guevara são passadas em revista movimentos implícitos algumas colocações importantes na respectiva obra: “Era óbvio que ele [Guevara] recorria a todas as fontes à sua disposição. Suas citações sobre o marxismo foram extraídas do *Mein Kampf* e continham passagens que revelaram a obsessão por Hitler com uma conspiração judeu-marxista. Pra seus esboços de Buda e Aristóteles, utilizou *Uma Breve História do Mundo*, de H.G. Wells, enquanto *A Antiga e a Nova Moralidade Sexual*, de Bertrand Russel, foi sua fonte sobre amor, patriotismo e moralidade sexual. Mas as teorias de Sigmund Freud obviamente o fascinaram, e Ernesto citou *A Teoria Geral da Memória* a respeito de tudo, desde sonhos e libido até narcisismo e complexo de Édipo. Outras citações vieram de Jack London, sobre sociedade, e de Nietzsche, sobre a morte. [...] Sua escolha de obras de ficção começou então a se deslocar para livros com um maior conteúdo social. Na verdade, na opinião de seu amigo Osvaldo Bidinosd Payer, para Ernesto Guevara “tudo começava com a literatura”. Por volta dessa época [1945-1946], ele e Ernesto estavam lendo as mesmas obras de autores como Faulkner, Kafka, Camus e Sartre. Em poesia, Ernesto lia os poetas republicanos espanhóis García Lorca, Machado e Alberti, e as traduções para o espanhol de Walt Whiltman e Robert Frost, embora seu favorito absoluto continuasse sendo Pablo Neruda” (ANDERSON, 1997, p. 57). Ao leitor/pesquisador mais interessado no respectivo assunto (Leituras realizadas por Ernesto Guevara) aconselho a leitura do capítulo “Ernesto Guevara, rastros de leitura” (PIGLIA, 2006).

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

buir com sua voz para variados tipos de investigação posteriores. E para expandir sua voz pelo mundo, deveria perquirir através dessas estradas, sondando os aspectos mais primitivos e primórdios da sociedade latina americana. Sem delongas e floreios estéticos, Guevara e Granado iriam enxergar pessoalmente a dor daqueles que estão mais afastados do patrimônio universal humanístico. Vejamos alguns desses detalhes:

Precisava conhecer a fundo as necessidades dos povos pobres e sabia que para conhecê-las era preciso trilhar estradas e mais estradas, não como simples turista, mas como ele o fez, detendo-se nos caminhos, não para tirar fotografias isoladas ou ver paisagens interessantes, mas para embeber-se na miséria humana presente em cada curva das trilhas que percorreria e para investigar as causas dessa miséria. Suas viagens seriam a de um pesquisador social que caminha para comprovar, mas também para tentar aliviar, se possível, a dor humana (ANDERSON, 1996, p. 88).

A despeito sobre o acervo crítico social-histórico, podemos verificar que Guevara e Granado insistem em defender a tese de verificar o comportamento humano, as vicissitudes sociais, a natureza da vida, tudo isso sem se preocupar pela distância percorrida ou o tempo gasto nessa respectiva missão. Ao utilizar o verbo “embeber-se”, verificamos o tom de aproximação e de compaixão ao trabalho que ambos iriam exercer durante esses percursos, ou seja, dedicar-se de forma integral e exclusiva para conseguirem formar um grande projeto de vida. O compromisso e o acordo a si próprios já se estabelecem desde o início dessa árdua caminhada, motivada por enxergar ao vivo tudo àquilo que para eles somente estavam nas páginas das enciclopédias das bibliotecas.

Na verdade, os aspectos aventureiros e despreocupados de Guevara e Granado surpreendem ao leitor mais assíduo a busca inalcançável de ambos os protagonistas de encontrar uma possível busca interior e age conseqüentemente como metáfora de uma conquista que requer melhor os aparatos de uma suposta modernidade antecipada. Cabe lembrar que os dois adjetivos: aventura e despreocupação não simulam nenhum aspecto pejorativo de ambos os personagens, apenas enfocam o olhar de homens descomprometidos pelo tempo em relação aos negócios. Ou seja, o ócio é alimentado por diversos fatores que fortalecem ainda mais o potencial criativo e imaginoso desses artistas incansáveis de almejar curiosidade e inquietação intelectual.

À medida que essas visões interagem com a geografia local e pela reformulação da história de determinados povos, permeando épocas e fronteiras, cartografias e documentos, Guevara e Granado irão ganhando espaço e notoriedade nos locais visitados. Pouco a pouco, esse respeito vai ganhando audiência e status diante da tamanha grandeza que custa uma *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

grande notoriedade aos dois. O reconhecimento é mútuo: ganha a cidade e ganha também os protagonistas. Com efeito, os pioneirismos dessas visões fortalecem novas maneiras de enxergar a realidade local e reconhecer os seus grandes problemas sociais. A passagem da publicação<sup>11</sup> das fotografias dos dois aventureiros ilustra bem essa parte: “O jornal mostrava toda a sua plenitude de papel, tão contrastante com nossos pobres e raquíticos matutinos, mas tudo o que lhe interessava era apenas uma notícia local que achei com letras bastante grandes no segundo caderno” (GUEVARA, 1996, p. 30). Ora, por isso os dois peregrinos portenhos tornaram-se respeitados e singulares na árdua trajetória, já que reconhecimento era necessário para lograr a confiança local e conseqüentemente o prestígio para serem admirados e respeitados. Munidos de certo relevo social, tornaria mais fácil angariar novas ferramentas para enfrentar os variados infortúnios que teriam pela frente. Enfim, o útil se juntava ao agradável para felicidade de Guevara e Granado.

Podemos postular que caminhar e contatar forma o binômio mais dinâmico dos nossos protagonistas e podem ser facilmente tidos como equivalentes através da dupla liberdade e do fazer de novas amizades. Ao criarmos esta hipótese podemos problematizar dessa maneira: como Guevara e Granado conseguem conjugar força e coragem para empreitar esta destemida viagem? Como representaram as cidades que aqui estamos analisando? Como conseguiram mesclar a personalidade de turista com a de pesquisador social? As possíveis respostas bifurcam-se atrás das linhas que tentaremos dissertar para frente desse respectivo ensaio ou ao menos tecermos algumas considerações sobre tais aspectos. Esforçaremos em tecer algumas dessas reflexões e formulações ao longo do caminho ensaístico.

Caminhar; visitar; pernoitar; fotografar; escrever; comer; caminhar; esses talvez sejam os verbos mais utilizados por Guevara e Granado durante essa intensa epopéia dramática e aventureira. A indagação nasce naturalmente: como atravessar esses 05 países diante de tantos trajetos e percursos? Moto, barca, caminhão, carroça de bois, avião, são os únicos meios para percorrer esse itinerário tão cansativo e longo. Apenas na boléia da Poderosa II, motocicleta bastante arcaica, Guevara e Granado irão percorrer boa parte do percurso e se acidentarem diversas vezes, comprometendo a estrutura do próprio veículo e ferindo seus corpos. Ora, foram quase 8.000 km percorridos arduamente em cima desses úteis meios de transportes, mas

---

<sup>11</sup> Sua próxima parada foi o porto de Valdivia, no Pacífico, onde fizeram uma visita ao jornal local, o Correo de Valdivia, e conseguiram um elogioso perfil de si mesmos, publicado sob a manchete Dois Dedicados Viajantes Argentinos de Motocicleta passando por Valdivia. [...] Proseguiram para Temuco, onde mais uma vez conseguiram ser entrevistados. O artigo publicado no El Austral de Temuco, em 19 de dezembro de 1952, apareceu sob uma manchete afirmativa: Dois Peritos Argentinos em Leprologia Viajam pela América do Sul de motocicleta (ANDERSON, 1997, p. 95).

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

ao mesmo tempo caóticos que vantajosamente serviram os nossos protagonistas no decorrer de suas longas andanças. Mesmo pela tamanha variedade de veículos, Guevara e Granado não deixaram e não isolaram a possibilidade de caminhar por longos trajetos. Percorrer com vasta curiosidade essas nações da América Latina significava mapear uma parte de suas tradições e lendas, investigando suas vicissitudes paradoxais, pavimentando ao longo do caminho as desigualdades sociais, buscando uma possível solução para a projeção de um progresso, tanto para as cidades, tanto para seu povo local: “Ali compreendemos que nossa vocação, nossa verdadeira vocação, era andar eternamente pelas estradas e mares do mundo. Sempre curiosos; observando tudo o que surge diante de nossa visão” (GUEVARA, 1996, p. 49).

Verificamos neste enxerto extraído a sinceridade de Guevara em relação a sua empreitada de estar fora de casa. Disposição; inclinação; talento; aptidão forma o conjunto vocabular mais próximo para designar a palavra vocação, e, toda essa conjuntura remava a favor de Guevara para sua vontade interna de continuar progredindo e postergando sua alma para esse devir tão necessário a sua natureza humana. Sua boa-fé em relação a sua paixão vocacional engordava as suas cordialidades e fraternidades para com o homem alheio que estaria ao seu redor durante os “mares do mundo”. Devir que estava relacionado com as devidas contribuições sociais que iria trazer de volta ou encaixa-la naqueles momentos, buscando promover a paz desses indivíduos, conscientizando-os para uma devida luta democrática para um suposto arbítrio do pensamento que Guevara tanto defendia e comungava.

## **2 Literatura de viagens: um gênero transitório ou um parêntese ensaístico?**

Como se constitui o esqueleto de uma obra literária de viagens? Viagens que comporta jogos poéticos como efeito artístico. Viagem que horizontaliza e verticaliza maneiras de trazer o sublime a sua respectiva tessitura textual. Os vértices se encontram em um mesmo patamar comum: questionar o homem e os lugares visitados pelo homem. Viagem que se une com a literatura com a finalidade de evocar mensagens e dizeres que irão perpetuar a mentalidade dos seus leitores. Uma respectiva viagem que explora o subconsciente das humanidades e coloca à tona novas maneiras de enxergar e projetar as respectivas vidas que estão inseridas dentro desse contexto. Questiona, indaga, disserta, participa e ao mesmo tempo consegue ser filosófica e literária. Esses são apenas alguns modelos hipotéticos de como a viagem e os viajantes são apaixonados pela literatura e vice-versa.

A literatura de viagens está, pois, em jogo nesses limites que articulam uma sociedade com o seu respectivo passado e o ato de diferenciar-se dele; nessas linhas que riscam a imagem de uma atualidade, interagindo com seu outro, modificando ou atenuando, paralelamente, a volta de momentos no passado. O narrar do viajante nem sempre é imaginar radicalmente comunidades e sociedades, mas compreendê-las e questiona-las ao longo da sua trajetória. A delicada e útil fronteira entre um objeto no passado e uma prática atual se movimenta de maneira entrelaçada. É por isso que o postulado ficcional de informações a compreender, se permuta através do teste de uma operação quase sempre contagiada por determinismos e sempre a retornar, sempre em condição do espaço onde se efetua numa dada sociedade.

Curiosamente, a literatura de viagens atinge um suposto espaço dinâmico que interage diretamente com o leitor. Cenários, paisagens, pontos turísticos, economia local, instituições, idiomas, tudo isso é administrado como macro espaço por uma leitura mais acurada e proveitosa para o leitor assíduo das crônicas de viagens. Ora, esse leitor não precisa programar ou modificar sua posição do seu rincão de origem para conquistar ou conhecer novos lugares, pois supostamente ao ler Machado de Assis poderá percorrer a variedade das ruas cariocas e matar a vontade de visitar as mais belas paisagens por vias de uma majestosa ficção do século XIX. Ou, simplesmente ao ler Gabriel Garcia Marques irá também conhecer o universo espacial da nação colombiana do século XX:

Se no campo da literatura os relatos de viagem têm o status de um gênero literário, muito diversa é sua situação no campo da história [...] Entre nós, salvo os já mencionados relatos de navegadores do século XVI e dos cientistas e naturalistas do XIX, não é comum lançar mão da narrativa de viagem como fonte documental (PI-MENTEL, 2003, p. 98).

Para esborçarmos inicialmente esta trajetória, que aqui pretendemos seguir, e tal como se anuncia, podemos dizer e especular que a observação do intelectual viajante participante possui a finalidade e age como se fosse uma chave mestra para confeccionar o sucessivo jogo de idas e vindas entre o lado interno e externo dos episódios que ocorrem, ou seja: imagina-se por um lado que pode captar o significante e a direção de ocorrências e gestos singulares, atribuindo o seu respectivo significado, normalmente através da empatia; agindo por outro lado consegue retroagir, para localizar tais inquietudes e significados em contextos mais amplamente difundidos. Poderíamos aqui exemplificar sumariamente com a obra *Pathé Baby* (1982), do escritor Alcântara Machado. Ora, o escritor paulistano ao compor seus diários de viagem em plena Europa se comporta como um intelectual comprometido que se preocupa em

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

ressemantizar novas palavras, outorgando sua experiência e voz, apresentando pelo seu olhar um novo viés documental-ficcional para compor seus escritos.

Indubitavelmente, que a literatura de viagens condiciona o escritor a recriar um espaço mais amplo do que aquele observado pelas suas lentes. Ou seja, esse escritor não fica satisfeito em apenas circunscrever seus testemunhos de viagem, mas voluntarioso em criar e recriar novos cenários e lugares. Atraído pela vontade interna de romancear suas anotações e postularlas para o formato de uma grande obra, esse viajante intelectual acaba por boa parte das vezes tendo a função de mesclar aquilo já observado e anotado com uma faceta imaginativa de suas criações. Imaginação e documentação juntam diante de uma mesma vertente literária. Exemplo dessa condição? Basta verificarmos a obra *Tristes trópicos*, de Lévi-Strauss (2001), e notaremos que o narrador está buscando acrescentar cenário em cima de cenário para movimentar os supostos episódios e encadeamentos que ampliam a densidade da obra e da leitura.

O crítico Tzevetan Todorov no seu ensaio “A viagem e seu relato” (2006), reconduz genuinamente as grandes odisséias reais ou fantasiosas dos grandes protagonistas da história universal ao tratar de Marco Pólo, Cristóvão Colombo, John Mandeville, entre outros. Todorov ao compor esse trabalho teve uma forte preocupação em caracterizar as mais populares andanças de boa parte daqueles que estavam enquadrando o contexto das grandes localidades visitadas através de suas palavras. Com efeito, mergulhou no êxtase geográfico dessas paisagens buscando outorgar uma voz ensaística para denominar uma espécie de legitimidade sobre tais fatores. Dentro desse amalgama, Todorov investiga como os “relatos de viagem”, tudo aquilo que compreende descrições de localidades visitadas: cartas, diários, documentos, folhetins, crônicas, buscando conceder um olhar *in lócus* sobre tais perspectivas.

Por outro viés, iremos verificar que o estudo do sociólogo Octavio Ianni, “A metáfora da viagem” (2003), busca compreender o aspecto panorâmico histórico das viagens como fator determinante e inevitável para locomoção de todos os homens e mulheres. Ianni parte do pressuposto que nas ciências humanas a característica da viagem encontra implícita ou explícito através das palavras. Imaginárias ou não, as viagens sempre preencheram o cardápio literário e histórico de vários intelectuais e escritores. Para Ianni “Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias”. Ou seja, agindo como “realidade” ou “metáfora” toda viagem busca empreender algo que pode está visto ao vivo ou implícito como nas obras de muitos escritores justificados por Ianni.

Paulatinamente, dentro de um contexto ainda mais contemporâneo teremos a erudita análise de Silviano Santiago no seu ensaio “Por que e para que viaja o europeu” (2000), buscando refletir o diálogo da visão do europeu sobre as conquistas e as viagens. Consequentemente, isso significa também a formulação de diários, anotações, que justifica uma suposta “ética da aventura”, que pode ser assimilada, segundo Santiago, a confecção “do romance escrito a partir do século XVIII é o de instituir como verdadeira e justa uma ética da aventura para o homem moderno” (SANTIAGO, 2000, p. 227). Ou seja, Santiago postula que para justificar as ousadias de aventura e capacidade de se afastar dos seus rincões de origem, pode ser também justificada por interesses em produzir algo investigativo ou apenas fictício que pudesse compensar tal experiência arriscada.

Com efeito, todo viajante objetiva conhecer outros lugares e ultrapassar novas fronteiras. Sua curiosidade será a primeira aliada para enfrentar essa destemida luta ou batalha. A temática literatura de viagens apenas trata de pensar os episódios já constituídos pelo olhar do viajante em objetos já historicizados através de estruturas de adensamento retórica e organização da narrativa. A prática e a experiência da literatura de viagens são sempre contextualizadas enquanto que a tessitura de viagens está sempre contaminada pela própria experiência do escritor viajante. Não obstante, a literatura de viagens desmistifica em demasia do que outrora atravessara sem indagações e questionamentos na própria confecção de algumas narrativas, estilos, observações e descrições etnográficas. Conseqüente a isso, ela favorece para uma notável visibilidade das construções narrativas, num sentido aberto e poético pelos quais artefatos culturais são elaborados e ajustados como produto valorizado e significativo.

Esforcemo-nos para compreender que os andarilhos viajantes são variados e lutam freneticamente para lograr êxitos nos seus grandes descobrimentos. Fincar suas insígnias ou bandeiras resume todo o sistema de conquista e avanço territorial como os antigos conquistadores logravam<sup>12</sup>. Se fossemos lembrar o passado histórico da América Latina poderíamos aqui simular alguns: Pedro Alvarez Cabral queria alcançar as terras brasileiras, Robison Crusoe, algum navio que o resgatasse da ilha perdida, Américo Vespúcio lutava para encontrar o continente americano. E se fossemos buscar paralelamente as grandes buscas ficcionais, destacaríamos aqui: Ulisses queria alcançar Ítaca, Capitão Fragoso, queria alcançar a República 3000, entre inúmeras outras representações narrativas de viagens. Podemos perceber em cada local almejado por esses conquistadores, que era comum escreverem relatos, crônicas que

---

<sup>12</sup> A temática da conquista já teria rendido para Júlio Verne, *Os Conquistadores*, por sinal muito majestoso quando empreende o percurso desenvolvido por Colombo, Pizarro, entre outros.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

pudessem posteriormente ser transformadas em livros. Cada um desses conquistadores alimentava os seus respectivos discursos, ora com o documental, ora com o ficcional.

Sistematizando um pouco, é comum verificarmos no conteúdo substancial do romance de viagens, algumas categorias expressivas lingüísticas que remetem a constante marca temporal e retomam como aspecto da representação artística de cada escritor. Dentro deste arcabouço aventureiro é normal observarmos: “pegarei o trem as”...”, “buscarei o artefato”...”, “antes do amanhecer”, “após o entardecer”, “irei entrar às...”, entre outras que exploram retoricamente à maneira pelas circunstancias que são permeadas as respectivas ações. Tal repertório lingüístico reforça ainda mais o quanto é importante fazer uso de tais expressões, assim como elaborar novas outras para formular um possível acervo expressivo. Os movimentos das personagens precisam ser marcados pelas expressões que evocam a questão do tempo.

Em menos palavras: cada escritor viajante possui horizontes de sabedorias distintos, visões de mundo de acordo com suas práticas vividas, por isto sua forma de olhar e compreender uma obra nunca poderá ser neutra, terá sempre traços subjetivos, por mais que isto tente ser evitado. Esse jogo frenético de informações geralmente é arquivado em uma espécie de banco de dados, (diários, livros de notas, mapas, fotos, objetos coletados, etc.), utiliza-os sempre quando necessário: “Trata-se de unir a arte e a vida, escrever o que se vive. Experiência vivida e escrita imediata, quase escrita automática” (PIGLIA, 2003, p. 109). Fortalece-se o escritor Ricardo Piglia ao comparar os anseios do ofício de escritor de Guevara. Com efeito, os respectivos dados são moldados e lapidados em novas condições discursivas, incorporando novos eventos e ampliando ainda mais as distintas experiências narrativas. Não obstante durante a confecção de tal *corpus* literário é necessário distinguir separando o trabalho de pesquisa de campo das redações finais que esse escritor deseja formular e do universo ficcional que pretende evocar. Concomitantemente, durante tal processo de montagem ele também filtra a realidade discursiva do campo a dos interlocutores individuais. No entanto, os sujeitos entrevistados ou aquele cenário deslumbrado serão intermediários cruciais para mesclar as devidas circunstâncias que agregam valores para uma boa narrativa. Em suma, existe por trás disso tudo, durante as maturações do escritor, um jogo de negociações vocabulares conflitantes e ansiosas para determinar aquilo que fica e aquilo que será jogado fora.

### **3 A representação das cidades<sup>13</sup> - Primeiras Viagens<sup>14</sup> - Ernesto Che Guevara**

---

<sup>13</sup> Sobre a representação das cidades e sua possibilidade de exploração o crítico cubano Alejo Carpentier de forma mais contemporânea resgata uma dificuldade já considerada pelos escritores de época, no entanto, mais fle-  
*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

*Muitos dirão que sou aventureiro, e sou mesmo, só que de um tipo diferente, daqueles que entregam a própria pele para demonstrar suas verdades.*

(Ernesto Che Guevara )

A representação das cidades tem suma importância e papel peculiar na produção latino-americana. O contexto citadino interage com os liames das personagens e vice-versa. Muitos escritores admitem que sem o contexto da cidade fosse quase impossível fazer literatura ou narrativas que problematizassem o homem em um sentido geral. O cenário da *urbs* contamina e é ao mesmo tempo contaminado pelo enredo de toda obra literária. Por isso, os espaços urbanos ou campestres se alternam evocando quase sempre novos enlaces imaginários e ao mesmo tempo reformula novos contrastes adquirindo um genuínos olhares para o leitor.<sup>15</sup> O tecido narrativo que predomina boa parte das vezes o contexto citadino, evoca novos itinerários para aquele leitor que ainda não conhece um determinado local. Verídico ou inventado, o cenário urbano ou campestre sempre teve origem nas antigas tradições escritas.

Ora, a cidade, excluindo o significado de texto não-verbal, é uma nascente de informações, rica em estímulos de origem industrial, de vida humana e da própria percepção do literato. Exemplar nesta ótica é a representação da cidade de Natal <sup>16</sup> realizada pelo escritor Mário de Andrade na obra *O turista aprendiz* (1976). A descrição oscila pelas paisagens locais e busca absorver o estilo arquitetônico, empreendida pelo escritor paulistano, tendo em vista sua ampla permanência na cidade. É comum observamos nos seus respectivos diários uma forte aproximação dos paradigmas situacionais das localizações: da praça, da igreja, das casas, instituições públicas tudo isso fazendo refletir o jogo de informações e percepções literárias adquiridas pelo Turista Aprendiz. Por esse motivo o aspecto citadino ou campestre ga-

---

xível de ser trabalhada quando relata que: “Talvez pelo difícil da tarefa, preferiram os nossos romancistas, durante anos, pintar montanhas e planícies. Mas pintar montanhas e planícies é mais fácil que revelar uma cidade e estabelecer as suas relações possíveis – por afinidades ou por contrastes – com o universal. Por isso é essa tarefa que se impõe agora ao romancista latino-americano” (CARPENTIER, 1969, p. 22).

<sup>14</sup> Daqui em diante salientamos que iremos preferencialmente citar apenas o sobrenome do autor juntamente com a respectiva página da obra *Primeiras Viagens*.

<sup>15</sup> Sobre tal contexto novamente podemos citar Alejo Carpentier ao analisar algumas obras literárias e tentar realizar algum tipo de aproximação em relação ao estilo: “Todas estas cidades têm um estilo fixado para sempre. As nossas, em contrapartida, estão, desde há muito tempo, em processo de simbioses, de almágamas, de transmutações – tanto sob o aspecto arquitetônico como sob o aspecto humano (CARPENTIER, 1969, p. 21).

<sup>16</sup> Ao pesquisador mais interessado discuto melhor essa temática no artigo de minha autoria “Crônicas de viagens e a representação da cidade de Natal na obra *O turista aprendiz* de Mário de Andrade”, publicado na *Revista Linguagens da Fundação Regional de Blumenau – FURB*.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

nha o t nus fortificante de circunscrever o manancial narrativo de boa parte das historias e das narrativas literárias.

O testemunho dessa força motora pode ser encontrado muito bem definido na obra *As cidades das Letras* (1985) de Angel Rama, na qual o critico defende persuasivamente a idéia das cidades inseridas em um contexto de articula o de signos e símbolos que compõe uma espécie de identidade social e conseqüentemente culturalmente construída. Ou seja, a cidade, imaginada e representada através das palavras do escritor   aquela que apenas simula o reflexo da não representa o definitiva de uma cidade objetiva e física. Uma constru o abstrata de uma cidade pelas palavras de um escritor implica em desejos, indaga es e inquietudes, funcionando como problema no desenrolar do enredo ou da trama e   imaginada como discurso da narrativa ou nas vozes das personagens. Em suma, o contexto citadino funciona como o desencadear das a es e dos acontecimentos das personagens e dos espaços e ambientes que elas adentram no decorrer do enredo.

  dentro dessa conjuntura ficcional e documental que a obra *Primeiras Viagens* empreende uma maneira peculiar de enxergar as cidades e seus principais roteiros cartográficos nos seus respectivos diários. Guevara e Granado tiveram uma forte preocupa o em descrever os detalhes urbanísticos que mais marcaram suas visita es. A obra esta dividida de várias maneiras e ficaria quase impossível aqui tentarmos enquadr -la em um contexto de g nero ou criarmos tipologias cabíveis, já que: crônicas, anota es, narrativas, descri es todas comportam um olhar bastante ambíguo no que toca o acervo ling stico ou uma possível genealogia textual sobre tal perspectiva. Possivelmente, a obra tenha sido esboçada em forma de diários ou crônicas que remontassem apenas o aspecto menos defensivo de uma obra ou um livro que posteriormente viria a ser publicado.

Por uma breve introdu o, podemos ensaiar que Guevara e Granado articulam suas ansiedades ainda na majestosa cidade portenha de Buenos Aires. Guevara já tinha a forma o em medicina e seu companheiro de estrada chamado Alberto Granado era formado em Biologia. Ambos colhiam interesses “e com tal decisão, como cora o escudado para resistir qualquer tipo de amargura e sempre com disposi o do ânimo aberta ao sacrifício, pode-se penetrar bem fundo desta humanidade desvalida, humanidade que infelizmente povoa a maior parte do mundo” (GUEVARA, p. X) Diante da decisão de penetrar nas estradas dessas na es em empreender um “verdadeiro sacerdócio”, Guevara e Granado ter o em mente que precisam apostar no êxito dessas andanças e para isso não perdem tempo em realizar alguns contatos e parcerias que iriam fortalecer ainda mais seus anseios durante tais visitas. Juntos se des-

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

pedem dos amigos e familiares e solidariamente irão dividir o mesmo banco de uma velha motocicleta alcunhada de “Poderosa II”.

Quando chegaram na cidade de Los Angeles, em pleno norte chileno, conseguiram hospedagem no posto do Corpo de Bombeiros da localidade, através da conversa das três filhas do próprio comandante. Após a saída da cidade de Los Angeles, os aventureiros Guevara e Granado irão adentrar via caminhão pelas estradas em busca de chegar bem ilesos em Santiago. Na carroceria do caminhão seguem exaustos e com um grande problema para tentar resolver: a moto “Poderosa II” estava quebrada e deveria ser consertada, caso desejassem continuar seguindo o respectivo percurso já cartografado. No dia 01 de março de 1952 os nossos protagonistas irão chegar a capital fundada pelo conquistador espanhol Pedro de Valdivia, a cidade de Santiago. Guevara e Granado chegam em pleno domingo e já se dão conta que precisam urgentemente buscar uma garagem para arrumar a possante motocicleta. Por azar acabam encontrando a garagem fechada, porém o zelador da oficina acaba acolhendo o veículo e tomando iniciativa de conseguir realizar o conserto. Mesmo diante de tamanha conjuntura problemática, Guevara e Granado irão descrever a fisionomia urbana e arquitetônica da cidade de Santiago. Vejamos alguns detalhes desse doravante encantamento:

Santiago tem o aspecto de Córdoba, mais ou menos. Seu ritmo é muito mais rápido e a importância do seu tráfego consideravelmente maior, mas as construções, o tipo de rua, o clima e até a cara da gente lembra nossa cidade mediterrânea (GUEVARA, 1996, p. 39).

Ao retirarmos a expressão “mais ou menos” podemos notoriamente verificar uma conotação duvidosa e indecisa sobre a perspectiva urbano-arquitetônica da cidade de Santiago. Ao dizer que Santiago possui o aspecto de Córdoba, o nosso locutor denomina que a feição é semelhante aos aspectos provincianos, mas o frenético desenvolvimento ganha à luz pela industrialização e o capitalismo desenfreado. Ora, a cidade de Santiago também possui seus aspectos interioranos, porém aglomera toda a força de trabalho e os mais variados sonhos de um povo que luta para conquistar sua liberdade econômico-social, tendo em vista o forte “ritmo” que lembra as grandes metrópoles. Sua localização está cravada na parte central da nação chilena, impondo sua forma ao redor da Cordilheira dos Andes e nos seus arredores estão perfilados outros vilarejos, que passam quase despercebidos. Com efeito, percebemos que a preocupação de Guevara é noticiar para seus leitores os aspectos do cotidiano de uma cidade ainda condicionada pela suas tradições dos mapuches e ao mesmo tempo ganhando modernidade na

sua fisionomia ainda canhestra de cidade em crescimento. Posteriormente, ao deixar a majestosa Santiago, descendo por algumas milhas de estrada montanhosa e sinuosa, os protagonistas Guevara e Granado irão se acomodar na paradisíaca cidade litorânea do pacífico central chamada Valparaíso:

Valparaíso é uma pitoresca, edificada sobre a praia que dá para a baía; ao crescer, foi subindo morros que terminam no mar. Sua estranha arquitetura de zinco vivida em arquibancadas que se unem entre si por serpenteantes escadas ou funiculares, vê realçada sua beleza de museu de manicônimo pelo contraste que formam os diversos coloridos das casas que se misturam com o azul plúmbeo da baía (GUEVARA, 1996, p. 42).

Nesta passagem transcrita podemos verificar um encantamento de Guevara frente às construções arquitetônicas exuberantes e audaciosas cravadas nas montanhas e com vista para o Oceano Pacífico. O olhar contemplado do locutor-narrador inspira similitudes apreciativas e é sinônimo de ociosidade aos interesses do leitor mais fascinado pelas grandes paisagens geográficas. O azul do mar contracena com o azul do céu que reflete o vai-vem das ondas. A paisagem conforme o locutor abre espaço para uma espécie de quadro digno de ser pintado, caracterizado fortemente pela beleza na forma e na originalidade, surpreende o olhar imagético do leitor mais sensível. A poeticidade que ganha esses trechos é sublime e ao mesmo tempo impactante pela descrição representativa. Posteriormente, ao êxtase deslumbrado das praias e do povo do balneário de Valparaíso teremos um encontro por via marítima a bordo da embarcação San Antonio que começara no dia 8 e terminará apenas no porto de Antofagasta no dia 10 de março. Após descerem e pernoitarem em Antofagasta a viagem continuará a ser seguida pelas cidades de Baquedano no dia 12 de março e na inusitada visita as minas de Chuquicamata, nos dias 13 a 15 de março.

Nas proximidades das minas, enriquecidas de minérios, Guevara e Granado irão se deparar com vários paradoxos das péssimas condições de trabalho. Tida como um dos maiores celeiros produtores de minérios do norte chileno, a mina Chuquicamata de propriedade dos empresários norte-americanos<sup>17</sup>, consegue abrigar boa parte da mão de obra das cidades

---

<sup>17</sup> Enquanto essas empresas auferiam enormes lucros, a economia chilena dependia enormemente das receitas que recebia delas, que variavam de ano para ano, dependendo das flutuações de mercado de cobre. Revoltados com os termos dessa parceria desigual, muitos chilenos, especialmente de esquerda, faziam campanha pela nacionalização das minas. Em resposta, os Estados Unidos fizeram forte pressão sobre os últimos governos chilenos para dissolver os sindicatos de mineiros e proscrever o Partido Comunista (ANDERSON, 1997, p. 99). Cabe lembrar que poeticamente Guevara descreve aquela nítida exploração capitalista dessa maneira: “As montanhas mostram seus dorsos cinzentos, envelhecidos prematuramente na luta contra os elementos, com velhas rugas que não correspondem a sua idade geológica. Quantas dessas acompanhantes de sua famosa irmã [Chuquicamata] *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

vizinhas e conjuga-las aos interesses burgueses da mesma região. É a partir dessa etapa que nossos aventureiros irão verificar as péssimas condições de trabalho dos mineradores e junto a isso tentar outorgar uma voz que atravessasse uma suposta revolução social. Ao notar os caóticos ritmos de trabalho, Guevara e Granado, irão anunciar uma espécie de revolução sociológica, já prevista nos seus prévios compêndios à própria viagem.

Estamos agora no dia 20 de março. Já se passou um dia inteiro e os dois aventureiros chegam até a cidade costeira de Iquique. Nas longas andanças Guevara e Granado irão percorrer em cima de um velho caminhão longas “subidas e descidas” para atravessar de Iquique para Arica, ambos estarão exaustos buscando um possível descanso. Durante essa etapa, o terreno é fértil para novas aspirações criativas e imaginativas, por isso resolvem resgatar do seu intelecto insaciável algumas palavras do conquistador espanhol Pedro de Valdivia buscando outorgar um anseio histórico bastante polêmico e contracenado por diversos historiadores e sociólogos. Alguns detalhes: “O gesto de Valdivia representa o nunca desmentido afã do homem por obter um lugar onde exercer sua autoridade irrefutável” (GUEVARA, 1996, p. 61). Após evocar a lembrança das atitudes de Valdivia os protagonistas irão desfrutar e deleitar do grandioso panorama marítimo da cidade costeira de Arica, localizada também no norte chileno. É nesse exato momento que o deleite merecido atinge seu ápice:

Arica é um portinho simpático que ainda não perdeu a lembrança de seus donos anteriores, os peruanos, formando uma espécie de transição entre os dois países, tão diferentes apesar de seu contato geográfico e sua ascendência comum (GUEVARA, 1996, p. 61).

No enxerto extraído verificamos através da lente/pena do nosso locutor/narrador uma calma e tranquilidade para descrever a extrema e última cidade do norte chileno chamado Arica. O tom caracterizado pela boa nostalgia remete a pensarmos que Guevara já teria conhecimento prévio da agradável cidade. A cidade das cinco letras é representado com maestria e merecimento já que o sentimento de lembrança alimenta uma série de simpatias. Ao simpatizar com a silhueta nostálgica das caracterizações da cidade de Arica, iremos notar que o narrador protagonista irá se sensibilizar para adquirir novas paisagens. A cidade de Arica

---

guardam em seus ventres pesados riquezas semelhantes à dela, enquanto aguardam os braços áridos das pais mecânicas que lhes devoram as entranhas, com seu condimento obrigatório de vidas humanas” (ANDERSON, apud GUEVARA, p. 100). Em outro momento podemos também lembrar as palavras muito oportunas de Fidel Castro: “O imperialismo, por outro lado, tem também as suas razões: “Che” e o seu exemplo extraordinário tornam-se cada vez mais poderosos no mundo. Suas idéias, sua figura e seu nome são bandeira de luta contra as injustiças entre oprimidos e explorados, suscitando apaixonado interesse entre os estudantes e os intelectuais de todo o mundo” (CASTRO, 1980, p. 10).

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

está cravada em pleno deserto do Atacama e contracena com a cultura peruana pela intransigente Guerra do Pacífico nos anos de 1879 e 1883, que conjugou acirradamente as forças armadas chilenas, peruanas e bolivianas. O acontecimento marcou grande repercussão, pois foram trucidados diversos militares e civis: “Os morros pelados, quase sem mata, era tudo o que se via na direção do nosso caminho; a aprazível Tacna ficava ainda mais diminuída pela distância, com suas ruazinhas de terra e seus telhados avermelhados” (GUEVARA, 1996, p. 60).

O aspecto desértico da geografia local subtraído de qualquer vestígio de vegetação é notório da região norte chilena e sul peruano já obviamente trabalhado nos compêndios geográficos dessa mesma região. Por isso não é surpresa para um leitor mais informado se deparar com o procedimento expressivo poeticamente “morros pelados”. Outrossim, é notório afirmarmos que a expressão “quase sem mata” explicita muito bem o perfil monótono de caráter invariável e constantemente enjoativo denunciado também pela expressão “era tudo o que se via”, até chegar à cidadezinha fronteiriça chamada Tacna. O vocábulo “aprazível” irá designar a conotação de algo deleitoso e agradável, sugere interpretações confortáveis para um leitor mais ao gosto de uma idealização da paisagem.

Posteriormente, a esses episódios iremos nos deparar com Guevara e Granado subindo e descendo montanhas na carroceria de um caminhão velho e ao mesmo tempo potente. A estrada é consideravelmente bastante precária e sinuosa, as interrupções são frequentes e as circunstâncias do local implicam em variadas vezes de intervalo que acaba tornando a viagem mais cansativa e mais exaustiva. “O caminhão continua subindo os morros em meio a um panorama de absoluta desolação, onde apenas os espinheiros raquíticos dão alguma aparência de vida ao ambiente” (GUEVARA, 1996, p. 69). A paciência e a tolerância serão os dilemas mais contagiosos dos aventureiros viajantes. Em suma, a fadiga é notável no semblante de cada um, e isso acaba também prejudicando uma parcela de suas reais improvisações. Mesmo diante de tamanha perturbação de cansaço e busca incansável por uma paz interior, Guevara e Granado irão se deparar com uma paisagem melancólica e pacata, voltada aos elementos campestres que resgata ainda mais a beleza do local. É inevitável atravessar, a esta altura, esses campos isolados sem descrever poeticamente tais exuberâncias, que para os moradores locais não passa apenas de um canteiro de serviço ou obras. Vejamos os detalhes através da pena de Guevara:

Os canais de irrigação da montanha – os mesmos que os incas mandaram construir para o bem estar de seus súditos – escorregaram vale abaixo formando mil cascatilhas e entrecruzando-se com a estrada que desce em espiral; a frente, as nuvens bai-

xas escondem as montanhas, mas em alguns claros se consegue ver a neve que cai sobre os altos picos, branqueando-os pouco a pouco (GUEVARA, 1996, p. 70).

Ao descrever em detalhes a beleza campestre local, Guevara retrata também as características bucólicas e pastoris dessa região. Para o morador local a característica dessas belezas passa despercebido, mas ao olhar do forasteiro perpassa um encantamento e contemplação para aquele simples cotidiano. Na pena de Guevara podemos reparar que o passado não se impôs sobre o presente, mas mesclou e foi valorizado enquanto noção de dignidade aos eternos fundadores incas. Não obstante, é notório que através dos dizeres de Guevara o efeito dessa infra-estrutura local já fundada e estabelecida pode ser encarado como sinal de respeito e valorização daqueles que tiveram o devido compromisso com sua localidade.

#### **4. Algumas conclusões**

Guevara e Granado estão exaustos, mas convictos que conseguiram penetrar na História das nações visitadas. O efeito dessa convicção transparece pela honestidade intelectual que escreveram e fotografaram tais cidades, uma honra merecida e destacada pela quantidade de dias enfrentados debaixo das mais variadas intempéries urbanas e campestres. A atitude dessa majestosa peregrinação pode ser comparada a alguém que encara ou cumpre uma determinada promessa quase inatingível, e mesmo assim não desiste ou rejeita. Ambos fazem uma espécie de exorcização do sujeito livre das amarras capitalistas e das algemas do poder. Livre de protocolos e donos do seu tempo, visitaram inúmeras cidades e países evidenciando aquilo que tinha de mais exótico e esplendido. Alias, Guevara e Granado tiveram que registrar tudo isso e modificar para melhor, não ficaram como simples expectadores, mas coagiram e tentaram reverter à miséria humana que via ao longo das cidades visitadas e buscaram outorgar seus dizeres e manifestar uma espécie de revolução que no futuro desembocaria na nação cubana.

Possivelmente Ernesto e Granado conseguiram empreender nessa grande jornada uma vontade enorme de “pesquisar a pobreza humana”, e terminar com sucesso seus diários de viagem. Essa expressão cunhada por Guevara foi praticamente o mote da sua árdua batalha para tornasse um grande pesquisador social. E como todos sabem, essa frase de sua autoria parafraseia uma enorme vontade espiritual e artística de projetar sua carreira social revolucionária rumo ao infinito e ao reconhecimento. Foi na luta constante em relação a sua marginalidade, assim como a falta de recursos e tempo que o ilustre escritor e revolucionário argentino conseguiu reatar e emendar suas palavras e sua própria vida. Estava implícito no pensamento de *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

ambos que para atingir o universal que estavam buscando, deveriam penetrar profundamente na natureza humana. Este estudo objetivou colocar em discussões algumas breves etapas dos procedimentos de análise das crônicas de viagens e da representação das cidades. Ao longo desse percurso defendemos a tese de que o escritor e revolucionário Ernesto Che Guevara deixou fortes rastros para os investigadores de sua obra. Possivelmente a contribuição desse trabalho visará à produção de outros artigos e ensaios que contribuirão para a crítica literária latino-americana.

**ABSTRACT:** This paper aims to conduct a raid by the travel literature and its ramifications. We postulate that in the wake of these wanderings can reflective dialogue with some formulations, questioning some observations already made and disseminates them to all readers. In the body of theoretical work will dialogue with Tzevetan Todorov, Silviano Santiago, Octavio Ianni, Levi-Strauss, among others. We aim to outline some thoughts on the formulations of travel literature, with examples and weaving our interpretations. The contribution of this paper aims to disseminate the book *The Motorcycle Diaries* to literary situation and try to bring the thoughts of the writer Ernesto Che Guevara to the field of discussions of the reader.

**KEYWORDS:** Chronicles of trips. Latin-American literature. Representation of Cities. *The Motorcycle Diaries*. Ernesto Che Guevara.

## Referências

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas do Diário Nacional*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

CASTRO, Fidel. Prefácio de Fidel Castro. In: *Che Guevara Diário da Guerrilha Boliviana*. São Paulo: Edições Populares. 1980.

CARPENTIER, Alejo. *Literatura e consciência política*. Publicações Dom Quixote: Lisboa. 1968.

MACHADO, Alcantâra. *Pathé Baby*. São Paulo: Imesp. 1982.

NITRINI, Sandra Margarida. Viagens reais, viagens literárias. *Revista Literatura e Sociedade*. n. 2, FFLCH, DTLLC, 1997.

OLIVEIRA, Cristiano Mello de. Crônicas de viagens e a representação da cidade de Natal na obra o turista aprendiz de Mário de Andrade. *Revista Linguagem*, FURB, v. 2, n. 3, p. 327-345, set./dez., 2008.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 233-251, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 14 nov. 2010.

PIGLIA, Ricardo. “Ernesto Guevara, rastros de leitura” In: *O último leitor*. São Paulo: Cia das Letras. 2003.

GUEVARA, Che Ernesto. *Primeiras viagens*. São Paulo: Scritta, 1996.

GUEVARA, Che Ernesto. *Outra vez Diário inédito da segunda viagem pela América Latina*. Rio de Janeiro: Ediouro. 2000.

IANNI, Otávio. “A metáfora da viagem” e “Transculturização”. In: *Enigmas da modernidade-mundo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. Viajar e narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras. In: *Varia História*. UFMG. Belo Horizonte: 2010.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas das letras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

VERNE, Julio. *Os conquistadores*. São Paulo: L&M Pocket. 1998.